

**LITERATURA DE TESTEMUNHO: MEMÓRIA DO SOBREVIVENTE E  
MANUTENÇÃO DA HISTÓRIA - PASSADO NO PRESENTE**

*Testimony literature: Survivor's memory and history maintenace – past in the presente*

Nayara Caroline de Sousa  
nayaracaroline135@gmail.com  
Orcid: 000-0001-8911-8483

Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira  
csoliveira09@gmail.com  
Orcid: 0000-0002-0170-3133

**Resumo:** A intenção deste trabalho é demonstrar como a Literatura de Testemunho, uma corrente literária surgida no século XX, é importante para valorização da memória e para a manutenção da História. Ainda hoje, há a tendência de uma certa negação de fatos históricos, e até mesmo da manipulação desses fatos para o favorecimento de um poder político que mantém discursos de ódio contra aqueles que têm menos poder de representatividade. A negação de que o nazismo aconteceu, por exemplo, é ferir a memória daqueles que sobreviveram, é assassinar novamente aqueles que morreram, é matar a História. A negação e a manipulação da história possibilitam que discursos análogos aos discursos nazistas, ou de qualquer outro poder de cunho autoritário possam prevalecer. É por isso que este trabalho veio a se concretizar, por meio de pesquisas e estudos teóricos, a partir de Silva, Ricoeur, Kristeva, Primo Levi, Elie Wiesel, que permitiram trazer análises da linguagem dentro desta Corrente Literária a partir da obra: *Depois de Auschwitz*.

**Palavras-chave:** Literatura de Testemunho. Memória. Semiótica

**Abstract:** The intention of this work is to demonstrate how the Literature of Testimony, a literary current that emerged in the twentieth century, is important for the valorization of memory and for the maintenance of history. Even today, there is a tendency to a certain denial of historical facts, and even the manipulation of these facts to favor a political power that maintains hate speech against those who have less power of representativeness. The denial that Nazism happened, for example, is to hurt the memory of those who survived, is to murder those who died again, is to kill history. The denial and manipulation of history allow discourses analogous to Nazi discourses, or any other authoritarian power, to prevail. That is why this work came to fruition, through research and theoretical studies, from Silva, Ricoeur, Kristeva, Primo Levi, Elie Wiesel, who allowed to bring analysis of language within this Literary Current from the work: *After Auschwitz*.

**Keywords:** Testimony Literature. Memory. Semiotics

# Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

## Introdução

O século XX foi marcado por grandes embates que causaram impactos, tanto na historiografia, quanto na literatura. Pela consciência da representação sígnica que tomou conta do século XX, o historiador observa que a historiografia está afeita à escrita, mas não somente a ela. Tem necessidade de buscar marcas para além do que a historiografia dá conta, ir em busca de fatos que não foram escritos, mas registrados, inclusive, por outros sistemas significantes. A consciência sígnica da escrita como representação ideológica traz, à representação historiográfica, a visão de que o registro, muitas vezes, acontece de acordo com uma certa ideologia política que está no poder. Na literatura, pela mesma consciência da natureza do signo, especialmente do signo verbal, surge uma corrente literária chamada Literatura de Testemunho, pela necessidade de uma nova forma de representação que narre fatos reais, mesmo que em forma literária. Esta corrente literária nasce de narrativas autobiográficas de fatos traumáticos gerados por governos autoritários. É uma escrita que problematiza a possibilidade e os limites da representação.

A corrente literária que pautará as reflexões aqui propostas será a Literatura de Testemunho; ela não traz, como outra corrente próxima a ela, a Literatura de Tetimonio, a ideia de "herói", nem de denúncia, é uma narrativa literária que, inserida em um contexto histórico, leva em conta uma memória coletiva. São relatos de memórias traumáticas que, mesmo autobiográficas, foram geradas por genocídios organizados por governos autoritários, como o nazismo, por exemplo. São memórias de sobreviventes, não de heróis, são indivíduos de uma massa humana que não apenas viram a história, mas que são testemunhas vívidas, diretas do que de fato aconteceu. A importância deste estudo está na valorização da memória individual para a manutenção da história de uma coletividade, por meio de registros de fatos narrados por estes sobreviventes.

É interessante observar a importância que a linguagem assume nessas duas configurações de escrita. Deve-se observar a forma como a linguagem é usada nesses relatos pois, em sendo a linguagem relevante característica da humanidade e demonstradora do conjunto de fatos semióticos, ela é de suma importância para a formação do indivíduo e da sociedade. É por meio dela que se constrói um consciente coletivo e se observa o índice de posturas e caminhos assumidos pelo indivíduo na coletividade. O indivíduo, a partir do seu

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

nascimento, é inserido em um ambiente que, por meio da comunicação, organiza crenças, valores morais, formas de ação por meio da linguagem, criando uma cultura. A linguagem usada por este indivíduo, os textos que produzirá, oralmente, ou na forma escrita, trarão as marcas desse meio, dessa cultura, desse tempo histórico. Não serão mais apenas linguagem, língua, mas textos, formas de construção de um pensamento social e histórico.

Kristeva afirma em seu livro *Introdução à Semanálise*:

Fazendo romper a superfície da língua, o texto é o “objeto” que permitirá quebrar a mecânica conceitual que põe em foco uma linearidade histórica e ler uma história estratificada: de temporalidade cortada, recursiva, dialética, irredutível a um único sentido, mas feita de tipos de práticas significantes, nas quais a série plural resta sem origem nem fim. Uma outra história se perfilará assim, que serve de base à história linear: a história recursivamente estratificada das significâncias, da qual a linguagem comunicativa e sua ideologia subjacente (sociológica, historicista ou subjetivista) representam apenas a faceta superficial. (KRISTEVA, 2005, p. 7)

A forma de construção do texto, a organização da linguagem na Literatura de Testemunho é de suma importância, pois é por ela que emergirá a voz dos sobreviventes de catástrofes e as significâncias construídas por suas memórias traumáticas serão formadoras de uma história espiral e profunda. A voz dos sobreviventes, por meio do texto literário, torna-se a voz da coletividade e a manutenção da história, pois traz significância ao fato histórico.

No entanto, o texto, sujeito à língua, também coíbe a ação de expressão do sobrevivente. Os sobreviventes encontram uma grande dificuldade em contar o que passou, pois, o instrumento que eles têm em mãos - a língua - deixa-lhes a impressão de estarem narrando aquém da representação do fato vivido. Faltam-lhes palavras que possam de fato expressar todo o sentimento. Quanto à história individual, ela não se faz linear. Ela acopla o fato traumático à história coletiva do fato histórico, mas nela fazem-se rupturas de tempos (vidas) que não deixam de estar inseridas na linearidade histórica, formando camadas de elementos significantes. Não existe apenas o momento do trauma; antes houve uma vida, outras experiências que formaram o indivíduo cultural. A esse indivíduo, acopla-se o trauma, que é histórico, individual e coletivo e, durante esse momento traumático, há lembranças de uma vida anterior, quase como alucinação. Nessa situação ele se perde como indivíduo cultural. É apenas sobrevivente. Depois do trauma, há a tentativa de retomar a vida, mas ela agora não existe, nos moldes em que vivia. O sobrevivente não se reconhece mais. A partir daí ele busca uma reconstrução, busca encontrar de volta sua identidade, tenta buscar seu lugar enquanto parte de uma sociedade. E, novamente, assume-se apenas como sobrevivente. Diante do enfrentamento com a língua e da força da linearidade histórica, ele se cala. O silêncio do sobrevivente é uma

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

das características dessa literatura: as narrativas desta corrente literária são escritas baseadas na memória, em alguns casos, muitos anos após o fato traumático.

Este relato, na maioria das vezes, acontece, como na própria história da narrativa, primeiramente oral, depois escrito; justamente porque a língua, na sua forma oral, encontrará caminhos mais facilmente capazes de expressões significantes.

As narrativas se fazem como uma forma (gênero) natural de manutenção e construção da cultura (narrativa oral - é o resultado de um processo coletivo/continuado de criação. São os primeiros gêneros ficcionais que as diferentes sociedades utilizaram para contar fatos marcantes, provavelmente realmente ocorridos, mas que traziam em si um grau significativo de mistério para quem os viveu. (BARBOSA ET OLIVEIRA, 2020, p. 11)

Este não é um método obrigatório, mas alguns sobreviventes, primeiramente, desempenharão o ato de fala e, depois, o registro literário. E este registro é socialmente importante, pois não traz consigo a carga ideológica do poder instituído, não tem uma intenção política. Antes, tem a função de catarse para o sobrevivente e torna-se obra literária/histórica, com todas as suas características de produtividade signica; no entanto para a história traz registros que a historiografia, por vezes, não registrou.

A importância dessas memórias individuais está na sua capacidade de serem também coletivas, porque são memórias de vivências individuais de um fato coletivo e, mais que isso, passíveis de serem a manutenção da veracidade dos fatos, porque muda o foco da escrita para a leitura. A narrativa do sobrevivente advém da leitura vívida do fato historiografado. Ricoeur afirma:

O que proponho hoje, é deslocar o ponto de vista adotado, o da escrita para a leitura, ou, mais genericamente, da elaboração literária do trabalho histórico para a sua recepção, seja ela pública ou privada, de acordo com as linhas de uma hermenêutica da recepção. Este deslocamento dar-me-á oportunidade de extrair certos problemas cruciais que dizem manifestamente mais respeito à recepção da história do que à sua escrita, para os trazer à luz. As questões em jogo dizem respeito à memória, já não como simples matriz da história, mas como reapropriação do passado histórico por uma memória que a história instruiu e muitas vezes feriu. (RICOEUR, 2020, p. 1)

Dentre as obras da Literatura de Testemunho há um livro particularmente interessante: Depois de Auschwitz de Eva Scholls, porque dele pode-se extrair a importância da organização da forma da linguagem para se alcançar a coletividade e manter vivo fato histórico. Ele traz o relato de uma sobrevivente do campo de Auschwitz, durante a Segunda Guerra Mundial. O livro é escrito em primeira pessoa, a partir do relato oral da sobrevivente a uma escritora. É o

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

enunciador falando a respeito de suas memórias traumáticas, na tentativa de trazer para a compreensão do leitor os horrores vividos pela sobrevivente. Eva não tem a intenção de que seu relato seja um documento histórico e, por isso, sua linguagem não é a de documentário, mas o fato vivido por ela é histórico, é social e ela traduz esses fatos a partir do ponto de vista dela, a partir da sua experiência individual de quem não apenas presenciou o fato, mas viveu-o. Nele pode-se observar a construção do texto estratificando a história e dando-lhe significância.

Este artigo tem como objetivo analisar a importância da Literatura de Testemunho para a memória da história, e utiliza o livro: *Depois de Auschwitz*, para demonstrar como esta literatura é importante para que novos genocídios não voltem a acontecer. Como a linguagem em sua ação semiótica, é força motriz na manutenção do fato histórico. As reflexões serão feitas sob a visão da Semiótica, com enfoque na questão da linguagem e na construção do texto em seu cotejamento com as questões da história e da memória. Por meio da revisão bibliográfica assenta como referencial teórico: Seligmann, no que diz respeito ao testemunho do sobrevivente, suas características e sobre a importância de uma nova literatura, que levasse em conta as memórias traumáticas do sobrevivente como fato lítero-histórico. Sobre a necessidade de novas formas de representação do trauma, que deem voz à vítima de um evento traumático e carregue de importância as ações da história e da memória. Ainda sobre a memória, este estudo será pautado na obra de Paul Ricoeur: *A memória, a História e o Esquecimento*, que trata da valorização da memória, visto que esta é também uma forma de acesso ao passado e, portanto, à história. Fala ainda da memória arquivada, que é o momento em que a memória sai do campo da oralidade para a escrita. As questões sobre a construção textual serão conduzidas pelas observações de Julia Kristeva, no que diz respeito à *Semanálise* e como reconhecer sua produção é importante para a organização dos blocos históricos e dos discursos na sociedade.

### Sobre o Testemunho

Os 1900 foram anos caracterizados por choques provocados por grandes impactos na humanidade. A arte, de forma geral, passou a representar toda a complexidade, desagregação e violência do momento histórico. Na esteira das novas formas de representação e tendo por objeto o trauma de sobreviventes das catástrofes geradas, é que a Literatura de Testemunho se instala. Segundo Silva (2003, p. 74) em *A História como Trauma*, “isso seria uma consequência do choque da vida moderna na literatura”. Há que se observar a capacidade da literatura de ser instrumento criador e transformador da sociedade o que faz dela uma peculiar forma de arte,

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

uma atalaia da história. Sobre essa questão, sobre as asserções literárias afirma Eagleton (2003, p. 22):

Isso porque não há nada de caprichoso nesses tipos de juízos de valor: eles têm suas raízes em estruturas mais profundas de crenças, tão evidentes e inabaláveis quanto o edifício do Empire State. Portanto, o que descobrimos até agora não é apenas que a literatura não existe da mesma maneira que os insetos, e que os juízos de valor que a constituem são historicamente variáveis, mas que esses juízos têm, eles próprios, uma estreita relação com as ideologias sociais.

Várias são as características que marcam essa escola. A questão do testemunho é peculiar em sua representação, desde a forma que assume, até a questão do conteúdo. A primeira, porque o testemunho pode apresentar-se como textos vários: do diário, do documentário, da autobiografia, como texto historiográfico e mesmo jornalístico. A segunda, porque a questão do testemunho está tão intimamente imbricada com tantas e diversas possibilidades de reflexões, que fica difícil isolar qualquer uma delas. São reflexões sempre interdisciplinares. No entanto, resta observar que, como resultado linguístico-artístico, o testemunho se apresenta sob a forma da Literatura de Testemunho, e apresenta as características estabelecidas por este sistema significante – representação, ficção, verossimilhança, narrativa – em relação com a memória e a história.

[...] a noção de testemunho despontou como uma nova possibilidade de articulação entre o histórico e a literatura, após décadas de domínio de determinadas modalidades de estruturalismo e pós-estruturalismo (SILVA, 2003, p. 30).

Essa conjugação da literatura e a história via testemunho, depende da memória e algumas questões que perpassam a literatura, em seu desenrolar diacrônico, como a autobiografia, o diário, o autor, o personagem – narrador em 1ª pessoa e sua proximidade ou distanciamento da realidade ficam aqui mais evidenciadas.

Paul Ricoeur afirma que:

O testemunho é, num sentido, a extensão da memória, tomada em sua fase narrativa. Mas só há testemunho, quando a narrativa de um acontecimento é publicitada: o indivíduo afirma a alguém que foi testemunha de alguma coisa que teve lugar; a testemunha diz: “creiam ou não, em mim, eu estava lá” o outro recebe seu testemunho, escreve-o e conserva-o (RICOEUR, 2020, p. 3).

Na fase da investigação histórica, o testemunho é de suma importância, porque reacende fatos e vivifica a história. No entanto, traz consigo duas questões importantes, que afetam, também, a literatura: quem lembra e o que lembra, conduzindo à possibilidade do

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

questionamento sobre o esquecimento e a inverdade. A história está invariavelmente ligada ao testemunho e à memória e dependente de comprovações extradocumentais, como objetos de expressão artística, fotos e relatos literários.

No caso da literatura, ela conjuga, por sua própria forma estrutural, a representação e a ficção. Em se tratando, especificamente, da Literatura de Testemunho ainda deixa transparecer outras particularidades, como o relato catártico, o relato autobiográfico, o relato tardio, gerado pelo que Cytrynowicz chamou de “silêncio do sobrevivente”. Tendo como principal atributo o trauma, essa literatura apresenta um enunciado dependente da capacidade de controle da enunciação do testemunho pelo enunciador. Roney Cytrynowicz, em seu ensaio sobre o silêncio do sobrevivente, fala sobre a impossibilidade de comunicação:

A memória individual não tem como articular a questão central instituída pelo nazismo: a possibilidade de um Estado tornar-se agente de um genocídio executado em escala industrial. Do ponto de vista da memória, isso não faz sentido; a memória não pode dar conta, afetivamente, desta articulação que cabe ao historiador; para ele, esta compreensão é seu maior desafio (CYTRYNOWICZ, 2003, p. 131).

Silva (2003) fala da Literatura de Testemunho como uma forma de proteger a história de possíveis manipulações e alterações. Ele discute em sua obra *História, Memória, Literatura*, sobre a ética, os limites da representação e o papel do historiador diante de eventos como a Shoah e outras ditaduras. Para ele: “A ética da representação histórica força a historiografia a repensar a sua frágil independência com relação à política e, mais especificamente, à política da memória.” (SILVA, 2003, p. 74).

Na verdade, a historiografia do nazismo e, mais especificamente, da Shoah encontra-se diante do desafio de criar vasos comunicantes, tanto entre os diferentes *foci* dos envolvidos na história como também de dar conta de uma memória que resguarde tanto a singularidade do evento quanto a continuidade histórica que ele significou. (SILVA, 2003, p. 75)

Entre a memória, o testemunho e a história estabelecem-se ligações indestrutíveis e importantes estabelecidas pelo signo verbal. O desafio que a história enfrenta frente a possibilidade de desvirtuação e apagamento da história, fica amenizado pelo testemunho via literatura. Primo Levi, referindo-se sobre a Literatura de Testemunho, vê-a como um instrumento de libertação, uma forma de prosseguir a história através do relato, que não necessariamente virá em ordem cronológica, mas em ordem de urgência. Ele fala sobre dividir a experiência com o outro e tornar o outro participante, não se preocupando com a perfeição artística da construção textual:

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. [...] sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Senão de fato, pelo menos como intenção e concepção, o livro já nasceu nos dias do Campo (PRIMO, 1988, p. 8)

Como discurso, como texto, a literatura é representação. A Literatura de Testemunho é a representação da memória e da história. Como representação, em literariedade, é sim, literatura. Distante do real? Verdade pela voz do sobrevivente.

Ora, é justamente essa relação com as ações e com o mundo extraliterário que a literatura de testemunho vai reivindicar. Nesse sentido, é muito mais correto aceitar, como Manfred Frank, o fato de que é o leitor que cria a mensagem literária. A relação entre o texto e os fatos, depende da leitura e, de resto, também existem argumentos na literatura. E a imagem que ela abarca não é de modo algum indiferente à verdade (SILVA, 2003, p. 375).

Enfim, tanto a literatura quanto o testemunho caminham numa dupla vivência entre a verdade e a mentira, entre a memória e o esquecimento. Como diria Silva (2003), entre “as palavras e as coisas”.

Em alguns casos, a Literatura de Testemunho nasce como uma ação de catarse. Wiesel se questiona em *A noite*, sobre seus motivos para tentar traduzir sua experiência.

Para não enlouquecer? Ou, inversamente, para enlouquecer e assim melhor compreender a loucura, a grande e aterradora loucura que um dia irrompeu na história e na consciência de uma humanidade oscilante entre a força do mal e o sofrimento de suas vítimas? Teria sido para legar aos homens palavras, lembranças, como meios para se darem mais chances de evitar que a História se repita, com sua implacável atração pela violência? Ou ainda, muito simplesmente, para deixar um vestígio da provação que vivi na idade em que um adolescente só conhece da morte e do mal aquilo que descobre nos livros? (WIESEL, 2021, p. 7).

Nesses casos, o testemunho, para os sobreviventes, é a maneira que encontraram para, de algum modo, esvaziarem sua experiência e até mesmo como forma de rememorar seus mortos. Roney Cytrynowicz (2003, p. 137) referindo-se aos contos de Elie Wiesel diz que

Em muitos de seus contos, Wiesel não escreve para comunicar, mas para não deixar morrer, para si mesmo, seu próprio testemunho, garantia de continuidade, de vida. A literatura é o testemunho de sua própria possibilidade de sobrevivência.

Esta literatura não busca a imitação do mundo. Busca apresentar o mundo sob o ponto de vista daquele que escreve; dar forma a um “real”. Pretende chamar o mundo para o passado, a fim de prevenir o futuro. Em alguns casos, este testemunho vive uma lacuna de tempo. A enunciação amadurece no silêncio para surgir viva no enunciado. Embora presente o texto em

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

1ª pessoa, de forma autobiográfica, o enunciador tem consciência de que não consegue escapar da força de representação do signo e de sua insuficiência, como representação, para satisfazer a realidade traumática que viveu. Assim, a pessoa que narra deixa de ser apenas o enunciador, ou um narrador de 1ª pessoa, mas personagem da história contada, e torna-se ser ficcional. Essa dupla vivência da testemunha e seu texto localizam-nos na ficção. Não no sentido da mentira, mas da estrutura textual que se faz na construção dessa literatura e “palavras e coisas”, reminiscências e história se inter-relacionam.

Uma outra questão faz da literatura e do testemunho instrumento importante em relação à história. Ela permite que a história afrente a possibilidade de deturpação dos fatos acontecidos. Nas situações catastróficas produzidas intencionalmente estabelece-se um programa de ação de extermínio e o cuidado do encobrimento desse programa. Quando se fala em nazismo, fala-se de uma máquina organizada para matar. Não se cuidava apenas da morte física; ela iniciava muito antes, de maneira simbólica: com a prisão, com o trabalho forçado que levava à exaustão, com a exposição à doenças, fome, frio, com o apagamento da identidade de cada indivíduo e da cultura de toda uma população e por fim, sim: a morte física.

O verdadeiro horror dos Campos de Concentração e de extermínio reside no fato de que os internos, mesmo que consigam manter-se vivos, estão mais isolados do mundo dos vivos do que se tivessem morrido, porque o horror compele ao esquecimento (ARENDR, 2013, p. 493).

É importante dizer que, em se tratando do holocausto, por exemplo, os cativos - judeus, ciganos, homossexuais, dentre outros - ainda que desconfiando do seu destino final, até um certo ponto não tinham certeza do que poderia vir a acontecer. Um dos motivos deste estranhamento parte justamente da incerteza dos fatos, já que por uma questão de segurança do apagamento histórico, os nazistas se organizavam de modo que as provas fossem destruídas, dificultando a comunicação, usando uma linguagem "burocrática" e até mesmo soldados que não falassem o mesmo idioma dos prisioneiros.

Uma novilíngua utilizada pela burocracia impedia qualquer referência direta à morte: assassinato em massa era "tratamento especial", câmaras de gás eram "casas de banho", "banho de desinfecção", "ações" ou "tratamento apropriado". As vítimas eram chamadas de "peças", "carregamento", "mercadorias." (SILVA, 2003, p. 27).

Uma outra forma de apagamento do acontecido era o processo de organização, que levava à anulação das identidades das pessoas, reduzindo-as a números marcados no pulso.

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

Como testemunhas de um evento violento e histórico da humanidade, elas precisavam ser anuladas; silenciadas como pessoas, mesmo que não perdessem a vida.

O processo de genocídio dos judeus europeus foi concebido e executado, entre 1941 e 1945, entre outros aspectos, para evitar qualquer reação das vítimas, negando às próprias vítimas, até a consumação última da sua própria morte, a consciência de que elas seriam assassinadas e de que estava em curso um processo de genocídio. (CYTRYNOWICZ, 2003, p. 125)

Para tudo isso não há palavras que possam representar o fato histórico que foi o nazismo. Não há para o nazismo ou para qualquer outro evento que tenha causado a morte em massa via uma ideologia política, uma identificação com o que é humano. Quem testemunhou tenta traduzir o fato traumático a fim de trazer para a compreensão do mundo, o significado das agressões sofridas; apresenta dados, informações e detalhes que possam de fato comprovar a veracidade do relato. O enunciado se apresentará a partir da forma que o enunciador, o sobrevivente compreendeu o que passou. “O testemunho tem sempre parte com a possibilidade ao menos da ficção, do perjúrio e da mentira”, afirma *Derrida* in (SILVA, 2003, p. 374). Ficção não no sentido de o relato ser fruto da imaginação do sobrevivente, mas pela forma literária em que este sobrevivente tenta traduzir o fato traumático, “Semprún e outros sobreviventes da Shoah sabem que aquilo que transcende a verossimilhança exige uma reformulação artística para a sua transmissão.” (SILVA, 2003, p. 380).

Kristeva (2005) afirma em O texto como produtividade, in Introdução à Semanálise, que “o verossímil nasce do efeito da semelhança” (2012, p. 138). Ou seja, o evento que é discutido aqui, o nazismo, não se assemelha com aquilo que é conhecido a nível humano. Quem ouve o sobrevivente não encontra uma identificação com seu relato, não consegue trazê-lo plenamente para sua compreensão, porque o relato ultrapassa aquilo que é verossímil para o ouvinte. Contrariamente, para o sobrevivente, o relato também não é verossímil, porque está aquém do que vivenciou.

Digamos, para deixar mais claro, que o problema do verossímil é o problema do sentido: ter sentido é ser verossímil (semântica ou sintaticamente); ser verossímil nada mais é que ter um sentido. Ora, sendo o sentido (além da verdade objetiva) um efeito interdiscursivo, o efeito verossímil é uma questão de relação de discursos (KRISTEVA, 2005, p. 137).

No relato dos sobreviventes, embora a organização sintática e o efeito interdiscursivo aconteçam, a noção de verossimilhança em relação à possibilidade de realidade se esmaece pela

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

força do inumano e cresce a impressão ficcional. No entanto, é uma “ficção” formal, porque, mesmo aparentemente inverossímil, é uma narrativa encravada na história, é um relato vívido de uma memória histórica. A Literatura de Testemunho talvez seja a ferramenta capaz de trazer para a sociedade o olhar humano para um evento histórico que não pode ser repetido. Esta dificuldade na narrativa advém da situação extraordinária que os sobreviventes experienciaram, e da forma que assume, pois, quando o relato vem à tona, ele toma um caráter de urgência, ou seja, a ordem dos fatos que serão relatados não virá, necessariamente, de forma cronológica, mas sim na ordem daquilo que o sobrevivente considera mais urgente em relatar. Nesse sentido, o texto pode se apresentar em *flashbacks* constantes e acoplamentos de fatos, partindo do relato mais urgente para o relato menos relevante no ponto de vista do sobrevivente.

Com os embates que aconteceram nesse século, a história passa a ter mais responsabilidade em seu papel investigativo do passado e a memória é parte importante da investigação da história. É através dessa investigação que se poderá chegar mais próximo da veracidade dos fatos. No entanto, a história deve cuidar para que a memória não seja ferida, que a historiografia não machuque o passado.

Os historiadores não devem esquecer que são os cidadãos que fazem realmente a história, os historiadores apenas a dizem; mas eles são também cidadãos responsáveis pelo que dizem, sobretudo quando o seu trabalho toca nas memórias feridas. A memória não foi apenas instruída mas igualmente ferida pela história (RICOEUR, 2020, p. 6).

É na esteira da ética do reconhecimento da memória como documento histórico, da historiografia como documento, da memória não como denúncia, mas como relato do fato, que a Literatura de Testemunho, ainda em construção teórica, tenta se firmar.

No mundo que é o nosso não se trata mais de uma questão de decadência da memória coletiva e de declínio da consciência do passado, mas sim da violação brutal daquilo que a memória ainda pode conservar, da mentira deliberada pela deformação das fontes e dos arquivos, da invenção de passados recompostos e míticos a serviço de poderes tenebrosos (YERUSHALMI, 2017, p. 27)

O papel do historiador, na atualidade, passa a ser o de zelar e conservar a memória, a fim de proteger a história e não permitir que forças ideológicas possam manipular a história ou inibir a memória.

Justamente esses desafios é que determinam o caráter da tarefa infinita da historiografia da Shoah a rigor, de qualquer tentativa de lidar com o passado: toda escritura do passado, eu repito, é uma (re)inscrição penosa e nunca total.” (SILVA, 2003, p. 76).

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

A memória confronta a historiografia através de uma reapropriação do passado, não se deixando reduzir à linearidade da representação apenas via arquivos documentais, fotografias ou outras formas de apresentação do passado. A memória, via testemunho, traz a representação “real” do fato histórico, mostrando que o passado existiu, ainda que ele não esteja mais lá. Paul Ricoeur a este respeito se posiciona:

Nenhuma outra experiência dá a este ponto a certeza da presença real da ausência do passado. Ainda que não estando mais lá, o passado é reconhecido como tendo estado. É claro que podemos colocar em dúvida uma tal pretensão de verdade. Mas não temos nada melhor do que a memória para nos assegurar de que alguma coisa se passou realmente antes que declarássemos lembrar-nos dela (RICOEUR, 2020, p. 2).

Nesse sentido, a Literatura de Testemunho se apresenta como escritura, mas como escritura de uma voz do passado, memória que reconstrói o presente e preserva o futuro.

### Sobre a representação literária

A linguagem é a ferramenta de construção da história, da memória e da literatura.

Lembrar significa pensar em signos e, conforme as lembranças acontecem, dependendo do distanciamento do tempo ou da relação afetiva com o objeto lembrado, o enunciado se modifica estruturalmente de forma diferente. Zilberbeg (2011), em suas reflexões sob a ótica da tensividade na produção semiótica, observa que o acontecimento é um impacto que modifica o “universo da medida, pelo da desmedida”, a contragosto do sujeito e que

A hipótese que vê nos arranjos estabilizados de valências identificadas o alicerce das significações em discurso tende, por continuidade, a conceder ao acontecimento uma importância, ou uma promoção, que a maior parte das teorias autoproclamadas racionais desconhece (ZILBERBEG, 2011, p. 163).

Concordando com a ideia da tensividade e como ela influencia na construção de enunciados, observa-se que a linguagem é ferramenta eficaz de demarcação de blocos históricos, na Literatura de testemunho, especificamente em *Depois de Aushwitz*. Apesar de a obra ser apresentada em capítulos sequenciais inteiros, fica evidenciado, pela forma da linguagem que se modifica à medida que os capítulos são transcorridos, que três tempos diferentes ficam por ela configurados e, para as observações que serão feitas aqui, eles serão definidos, em três subitens, com os títulos de: Reminiscência, Trauma e Reconstrução.

### Reminiscência

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

A Reminiscência é uma forma de representação do passado e refere-se à lembranças pouco precisas, quase como um rastro do passado. Também conhecida por anamnese. A esse respeito, Ricoeur diz que:

Uma recordação pode surgir sob a forma de uma imagem de qualquer coisa diferente, que está realmente ausente, mas que consideramos ter existido no passado. É uma imagem-recordação que está presente no espírito, como alguma coisa que não está mais lá, mas que em algum momento já esteve. (RICOEUR, 2020, p. 2)

Ao contrário do que o título da obra dá a entender, em um primeiro momento, *Depois de Auschwitz* não se trata apenas de um relato pós libertação do campo de concentração. *Depois de Auschwitz*, diz da pessoa e do fato histórico, e de como um ser humano, após passar o trauma pelo qual milhares de pessoas passaram no Holocausto, se reconfigura como ser humano. Ele não fala de Eva Schloss; ele usa da escritura de Eva e de sua voz para relatar uma sociedade, uma cultura, um povo que testemunhou um perturbador fato histórico, o Holocausto. “Neste livro, vou contar a vocês como tentei fazer o meu melhor para deixar uma marca no mundo” (SCHLOSS, 2013, p. 12). É uma narrativa que se estabelece via memória e que demarca o tempo pelos contornos da linguagem. A autora, narradora em primeira pessoa, se autobiografa em sua infância antes do campo, em sua adolescência dentro do campo e em sua busca por uma identidade, depois do campo. E ao narrar sua história individual, narra a história do povo judeu – e do próprio povo europeu - na Europa do Século XX. É sob a linguagem afetiva das reminiscências, quase um “Querido diário”, trazida por Eva Schloss, que os 9 primeiros capítulos acontecem.

No Prólogo, apresentando uma linguagem diversa da que será caracterizada de Reminiscência, apresenta um discurso catártico e urgente, sem sequência cronológica. Os *flashbacks* são constantes e criam um relato tenso. A Semiótica Tensiva observa que os intervalos são denunciadores de maior ou menor tensão do enunciado. E é justamente pelos excessivos flashbacks e mudanças de linguagem usados em intervalos reduzidos, que a linguagem do Prólogo se apresenta tensa e diferenciada dos nove capítulos subsequentes.

Eva, pelo Prólogo, inicia o livro contextualizando o leitor de que, de início, ela não tinha a intenção de contar sua história, mas que o fato de ter sido impulsionada diante de um público e não ter com se esquivar, fê-la mudar de ideia.

- Agora, sei que Eva deseja dizer algumas palavras. A frase ecoou pelo grande salão e me encheram de pavor. [...] Diante da insistência de Ken Livingstone, levantei-me e comecei a falar com hesitação. Para o desespero das pessoas que esperavam uma breve introdução, quando comecei, não consegui mais parar. As palavras jorravam e

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

eu continuava falando, relatando as experiências dolorosas e traumáticas que tinha vivido. Fiquei tonta e aterrorizada; não me recordo exatamente o que falei (SCHLOSS, 2013, p. 9).

Do tempo presente, em que se determina e apresenta o fato gerador da ação narrada, salta ao passado:

Tinha quinze anos quando eu e milhares de outras pessoas atravessamos a Europa em um trem de gado com vagões escuros e apertados. Fui jogada para fora em frente ao portão do campo de concentração Auschwitz-Birkenau. Mais de quarenta anos haviam se passado, mas quando Ken Livingstone me pediu para falar sobre o assunto, senti uma onda de terror invadindo meu estômago. Quis correr para debaixo da mesa e me esconder (SCHLOSS, 2013, p. 7).

Nessa descrição do primeiro embate da testemunha, frente a frente com o passado, a memória vem de forma fragmentada, não cronológica, e se apresenta de acordo com a urgência emotiva do fato.

Eu tinha refeito a minha vida, construído a minha família com um marido maravilhoso e filhas que significavam tudo para mim; estava até mesmo administrando o meu próprio negócio. Mas uma grande parte de mim estava faltando. Eu não era mais a mesma pessoa; a menina extrovertida que adorava andar de bicicleta, plantar bananeira e que nunca parava de falar estava agora trancada em algum lugar que eu não fazia a menor ideia de onde era. (SCHLOSS, 2013, p. 8).

Este lugar de que Eva fala é o tempo. Em algum momento sua história parou e segurou, naquele passado, a menina que desabrochou em outra adolescente. Sua infância, diante dos acontecimentos traumáticos, estava até aquele momento retida em algum lugar, na memória do passado. Observe-se que neste trecho, os intervalos temporais se misturam como se não existissem.

Durante a noite, sonhei com um grande buraco negro que me engolia. Quando os meus netos perguntaram-me sobre a tatuagem no meu braço - feita em mim quando estava em Auschwitz-, respondi que era apenas o número do meu telefone. Eu não falava sobre o passado (SCHLOSS, 2013, p. 9).

Assim, a linguagem usada no Prólogo, é o signo da urgência, da necessidade da fala individual que dará voz a milhares de seres com a mesma história. A sua fala, vinda em jorro, é a tentativa de se reencontrar, de alcançar uma criança que está no passado, ainda com medo: “Minhas palavras podem não ter soado coerentes para ninguém, mas, pessoalmente, representaram um grande momento para mim. Eu tinha recuperado uma pequena parte de mim mesma”, (Schloss, 2013, p. 9) e ao reencontrar-se, encarar os milhares de seres humanos que se perderam e que, por meio dos signos podem transformar o futuro.

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

Ainda hoje existem muitas pessoas procurando por bodes expiatórios com base em cor da pele, antecedentes, sexualidade ou religião. Quero falar para essas pessoas sobre a amargura e o ódio que as fazem culpar os outros. Assim como eles, sei muito bem o quanto a vida pode parecer dura e injusta às vezes. Por vários anos, também senti muito ódio (SCHLOSS, 2013, p. 10).

Assim a autora abre o livro fazendo da sua dor uma ferramenta de comunicação com uma geração que passa por dores parecidas com a que ela passou em relação a discriminação e ao preconceito, e mostrando o quão longe este ódio é capaz de chegar.

Os capítulos reunidos sob o item Reminiscência, serão do primeiro ao nono. Por meio de uma linguagem delicada e rememorativa, a autora inicia apresentando a cidade em que cresceu – Viena - e sobre como amava a cidade. destaca, inclusive, algumas personalidades que moravam lá na mesma época, Sigmund Freud por exemplo. Ela apresenta o primeiro local de sua lembrança:

Se você era um jovem ambicioso e judeu na virada do século XX, havia apenas um lugar onde poderia estar: Viena. Meus olhos de criança reconheceram toda a sofisticação e majestade da cidade; lá era minha casa, e eu era uma verdadeira vienense. Quando nasci, vivíamos em uma vila espaçosa no subúrbio frondoso de Hietzing, embora minha família tenha vivenciado uma história longa e turbulenta na cidade. (SCHLOSS, 2013, p. 13)

Apresenta sua família e detalha como era sua relação com seus familiares. Ressalta sua relação com seu avô Rudolf e como gostava dos passeios com ele aos domingos. “Nas manhãs de domingo, meu avô me levava até a taverna próxima ao cruzamento ferroviário onde ele tomava sopa e bebia cerveja.” (SCHLOSS, 2013, p. 24).

São reminiscências pessoais, delicadamente tecidas, para delinear a formação social da classe média vienense, financeiramente consubstanciada, culturalmente ativa, que frequentava teatros e restaurantes.

[...] foram cercadas por ruas com novos edifícios residenciais e tomadas pelo crescimento da classe média composta por lojistas e comerciantes. Eram essas pessoas que formavam o público da cultura vienense. [...] Uma boa parte dessa classe média era formada por uma comunidade de judeus muito instruídos e bem -sucedidos (SCHLOSS, 2013, p. 14).

Portanto, é possível perceber que esta primeira parte de sua memória, apresentada na obra, trata-se de uma memória íntima, com uma linguagem mais amena, denota uma narrativa nostálgica e emotiva. Traz uma sensação de “querido diário”. “A literatura de cunho íntimo, confessional e subjetiva, é aquela que mais se aproxima do leitor, pois está centrada no sujeito, fala de um eu que tenta desnudar a sua vida, se revelar, estabelecendo, assim, um elo íntimo

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

entre autor e leitor.” (MARTINS, 2013, p. 126). No entanto, ao falar de sua família, Eva descreve também o relacionamento de qualquer família judia, com uma vida “normal” até que a perseguição começasse.

Há uma distância de mais de 40 anos, entre os fatos narrados e o momento de sua escrita. Ainda que esta primeira parte da obra traga a sensação de se estar diante de um diário, pela forma que a narrativa é construída, e a obra se configure em uma autobiografia, ela não deixa escapar os fatos históricos da segunda guerra mundial, estabelecendo, inclusive, datas históricas precisas, mas a linguagem não é a da narrativa histórica e sim um relato de alguém que assistia a história acontecendo.

Nunca vou me esquecer do medo e do pressentimento que tive na noite em que os nazistas chegaram a Viena. Os soldados foram recebidos na cidade com o toque dos sinos das igrejas e com a aclamação das multidões, enquanto bandeiras vermelhas gigantescas com suásticas negras eram abertas e postas em todas as janelas e edifícios e florescia pela cidade como uma bandagem de flores venenosas (SCHLOSS, 2013, p. 32-33).

Schloss (2013) demonstra a importância da palavra na criação do pensamento, mostrando a estratégia política para a construção de um discurso que culpasse os judeus pela situação econômica, apoiado por alguns veículos de comunicação da época, incitando a discriminação e espalhando a ideia de uma “raça superior”.

Homens como o parlamentar Georg von Schönerer desejavam reivindicar uma "Alemanha para Los alemães" - incluindo a união entre Alemanha e Áustria - mas enquanto o imperador Franz Josef permaneceu no trono, eles eram apenas uma voz que refletia as ideias e os debates da época, entre muitas na multidão (SCHLOSS, 2013, p. 31).

Essas eram ideias que, até então, não possuíam tanta força, mas que conquistariam aderência com o passar do tempo e com o crescimento dos movimentos anti-semitas.

No contexto do nazismo, o assassinato iniciou-se ainda antes dos campos de concentração, com as perseguições apoiadas e incentivadas pelo próprio governo. Um assassinato simbólico da identidade, da dignidade de uma população. Aquela população, que naquele momento tornava-se alvo do nazismo, passou a não mais reconhecer pessoas que antes eram simpáticas e amáveis:

De repente, os agradáveis amigos da minha infância se foram. Perguntava-me agora quem eram essas novas pessoas. Os comerciantes simples, condutores de bonde e supervisores de obras que imaginei conhecer estavam **agora fazendo os judeus**

# Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

**ajoelharem a seus pés**, fazendo as declarações a favor da democracia desaparecerem (SCHLOSS, 2013, p. 34, grifo nosso).

Observe-se que a narrativa de Eva, em 1ª pessoa, não fala de si, nem de um dado específico de sua vida, mas da situação a que os judeus estavam sendo impingidos. Essa é uma forte característica da Literatura de Testemunho: não fazer do testemunho individual algo maior do que o fato histórico, que é coletivo.

Ao longo dos 9 capítulos, Eva recorda, rememora a sociedade antes do nazismo e a sociedade com sua chegada. Marca datas, demarca fatos históricos, demonstra saudade e dor, mas não perde a linguagem intimista.

## Trauma

O capítulo 9 do livro, intitulado Traição, mostra claramente o marco da mudança do tempo pela mudança da linguagem. O tempo da infância e da família passara e inicia-se o tempo do testemunho. A linguagem intimista e quase infantil, às vezes, é arrefecida e frases fortes como: “Fui capturada pelos nazistas no meu aniversário de quinze anos. [...] - Aqui estão – eles gritaram – JUDEUS NOJENTOS.” (SCHLOSS, 2013, p. 86) (há quase um tom de grito) e misturam-se a outras ainda delicadas; “quando desci ao andar inferior naquela manhã de terça-feira, descobri que eles tinham preparado um café da manhã especial para o meu aniversário”. Nessa mistura de forma, há o relato da traição pela qual ela e a família sofrem e são capturadas. O capítulo 9, carrega o signo da transição na mistura das duas formas de representação.

Usando de uma narrativa recheada de descrições e observações Eva apresenta fatos e detalhes de sua experiência no campo, detalhes que somente quem passou por aquela experiência poderia contar.

Eu não conseguia entender como tudo tinha acontecido comigo. Eu era uma garota jovem, de apenas quinze anos, e já tinha sido empurrada de um país para o outro pelos nazistas, tinha sido forçada a sair de casa e a permanecer em esconderijos, e agora estava na prisão, Minha mente girava com uma mistura de raiva e amargura, mas eu só conseguia sentir um vazio (SCHLOSS, 2013, p. 91).

Ao voltar ao passado, seu relato vem entremeado e até conduzido por pronomes no plural, por reflexões sobre o coletivo.

O trem nos levou lentamente, atravessando o continente europeu durante três dias e três noites. Estávamos na escuridão, presos como animais condenados, com um balde fedido para ser usado como banheiro e outro com água. Uma vez por dia, o trem parava e os guardas gritavam ao abrir as portas, cegando-nos com a luz do dia, e jogavam alguns pedaços de pão antes de o crepúsculo voltar a nos desorientar. Pessoas

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

choravam, rezavam e ficavam deprimidas com a falta de esperança em meio ao intenso calor do verão (SCHLOSS, 2013, p. 98).

Seu olhar se volta à multidão e ela e seus pais são parte dela. Alguns judeus ainda tentavam guardar um fio de esperança, certamente por não ter certeza dos fatos ou por uma certa negação do que poderia vir a acontecer. Por mais que houvessem boatos de que se matavam judeus no campo de concentração não havia provas, até então se tratava de um campo de trabalho.

Do capítulo 10 ao 14, vê-se o relato descritivo e pouco emotivo no que tange à linguagem de lembranças, mas com uma linguagem da qual transparecem a dor e a mágoa, a indignação, mas nunca a individualização. Essa é uma forte característica da Literatura de Testemunho. Os relatos de sua relação com a família, permanecem, quase como ponto de coesão da trama do discurso, pois a importância de seu testemunho está centrada na descrição dos horrores do campo e da perseguição a milhares de pessoas, na sua maioria, judeus:

No total, os nazistas administraram mais de trezentos campos de concentração por toda a Europa.[...] Às vezes os aparelhos quebravam por conta da sobrecarga após terem matado mais de 1 milhão de pessoas.[...] É fácil afirmar que o bem e o mal existem dentro de cada um de nós, mas eu vi a realidade de perto, e isso me levou a uma vida de questionamentos sobre a alma humana. [...] aprendemos a navegar na internet, e desenvolvemos alimentos e remédios geneticamente modificados. Pelo menos no ocidente, a maioria de nós se tornou mais rica do que uma geração como a dos meus avós poderia ter imaginado. ainda assim, em termos de humanidade, parece que milhares de anos de experiência nos levaram a fazer poucos progressos (SCHLOSS, 2013, p. 104).

Eva descreve as suas primeiras impressões, sua adaptação, agora como prisioneira de Auschwitz e sobre o contraste da “vida no campo” e da vida que se podia ver fora dele, sempre usando o plural, a coletividade. “Seguimos pela estrada de terra, centenas de mulheres com calor, com sede, cansadas, cientes de que nas fazendas e casas ao redor viviam pessoas comuns seguindo suas vidas.” (SCHLOSS, 2013, p. 104).

Auschwitz, foi um dos principais campos de concentração nazista, e lá, tudo acontecia em ordem. A maioria dos soldados executava sua “tarefa” de forma fria e sem expressão de qualquer sentimento; mesmo a raiva não era expressada, estavam apenas cumprindo sua “missão”. Isso demonstra a banalidade do mal no ser humano.

Minhas experiências revelaram que as pessoas têm uma capacidade única para crueldade, brutalidade e completa indiferença aos sentimentos humanos. É fácil afirmar que o bem e o mal existem dentro de cada um de nós, mas eu vi a realidade

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

de perto, e isso me levou a uma vida de questionamentos sobre a alma humana (SCHLOSS, 2013, p. 100).

Como no campo de Westerbork, Auschwitz também desenvolveu uma cultura própria, com divisões entre os presos. Comparado à vida fora do campo, pode-se dizer que era uma espécie de divisão de classe social. Os prisioneiros não judeus tinham certos privilégios, como um atendimento médico melhor, permissão para se distraírem e muitas vezes poderiam conquistar posição de autoridade em relação aos outros presos. Tudo isso é relatado, em linguagem prosaica, sob a ótica da coletividade, embora entremeada a situações particulares suas, que dão mais veracidade ao fato coletivo.

...Um prisioneiro não judeu doente poderia ter uma breve consulta com um médico e receber medicamentos básicos; um prisioneiro judeu doente que fosse digno de "atenção médica" certamente receberia uma injeção no coração com uma dose letal de veneno. Mulheres grávidas eram sujeitas a abortos tardios ou tinham de matar seus filhos quando eles nascessem (SCHLOSS, 2013, p. 111).

A linguagem agressiva e desumana usada dentro de Auschwitz-Birkenau é repetida por Schloss, como forma de representação sígnica do passado de horror.

...Havia um fedor azedo desconhecido no ar...  
-Bem-vindas a Birkenau - elas diziam com sarcasmo enquanto nos empurravam e nos davam socos. - A sorte de vocês acaba de chegar ao fim. Podem sentir o cheiro dos crematórios? É lá que seus familiares receberam gás no que acreditavam serem salas de banho. Eles estão queimando agora. Vocês nunca voltarão a vê-los! (SCHLOSS, 2013, p. 105)

De um nome para um número, o ser se apaga. Ambos são signos. O segundo representa a quantidade, o primeiro representa o ser. O processo de apagamento da identidade é uma forma de matar; uma morte lenta, uma tentativa de aniquilação de um povo. A vida em Auschwitz, era como um mundo à parte, de todo o resto que se podia conhecer fora dali. Uma vida que estava tão perto e ao mesmo tempo parecia uma vaga lembrança do que um dia existiu. Um rastro. Embora relate o passado, não o faz mais como em Reminiscências, com o olhar sobre si e sua vida.

Auschwitz-Birkenau era um mundo à parte, e quase nada daquilo poderia ser comparado à vida que tínhamos antes. Eu ocasionalmente parava e me lembrava de que, não muito tempo atrás, era uma garota que brincava de bolinha de gude em Merwedephein, e me perguntava onde Janny Koord, Susanne Lederman e Anne Frank estariam e o que estariam fazendo. Será que suas famílias agora sofriam como nós? (SCHLOSS, 2013, p. 109)

A autora não somente dá detalhes da sua experiência, ela, via linguagem, procura levar o leitor ao passado, a viver aquela realidade. Convida o leitor a imaginar como era estar dentro

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

do campo de concentração, trazer para a compreensão do leitor o que foi o nazismo por meio do seu relato que, e mostrar que apesar da forma autobiográfica, aquela história não é só dela. Em vários trechos ela conclama o leitor a ser testemunha, por meio da imaginação e da criação verossímil, do fato narrado.

Imagine, se conseguir, as noites. Dormíamos apertadas como sardinhas enlatadas, com outras oito mulheres. Quando uma delas se virava, todas nós nos virávamos. Pulgas e outros insetos caíam sobre nós, vindas da cama de cima, e você precisava estar alerta para tirá-las ou elas mordiam sua pele e causavam infecções. [...] Imagine também a fome. Nossa oferta de comida oficial consiste em sopa aguada morna no café da manhã, ou alguns goles de café granulado, seguido por uma refeição noturna composta por uma fatia de pão preto. Nossa ingestão calórica era bem menor do que a dos prisioneiros não judeus. A intenção era nos fazer passar fome até a morte. [...] Tente imaginar a sujeira. Em uma ocasião impossível de esquecer, uma Kapo nos puniu por alguma contravenção jogando o conteúdo do balde sanitário sobre nós, e minhas roupas e minha pele ficaram cobertas com fezes por dias até eu finalmente ter permissão para me lavar (SCHLOSS, 2013, p. 119-120).

É importante notar que Schloss (2013), convida o leitor a imaginar situações que se referem a necessidades básicas de qualquer ser humano, a fim de fazer com que o leitor possa, de alguma forma, ter a noção do que realmente foi o nazismo.

A importância da Literatura de Testemunho está em não deixar que a história seja manipulada, mas que ela seja mantida, como foi. O Nazismo não somente tentou assassinar toda uma comunidade, como também tentou o apagamento de provas, o que culminaria na manipulação da história. Eram dois caminhos: o primeiro, na possibilidade de o sistema nazista prevalecer, todo judeu seria aniquilado; ou caso eles perdessem a guerras as provas seriam destruídas. Em ambos os casos, o plano era aniquilar os judeus e apagar as provas da brutalidade. No entanto, houve sobreviventes e alguns se tornaram múltiplas vozes do passado, por meio da Literatura de Testemunho.

Tínhamos plena consciência de que nós também éramos testemunhas vivas e que a SS estava aterrorizada com o que os soviéticos poderiam fazer com eles. Eles poderiam estar considerando matar todos nós em vez de deixar qualquer um vivo para contar toda a verdade.

...Alguns documentos e toda a papelada meticulosamente conservada da Solução Final foram queimados. Os corpos que estavam enterrados atrás das câmaras de gás foram exumados e queimados em valas abertas (SCHLOSS, 2013, p. 130).

Apesar de apresentar todos os fatos históricos, datas e detalhes de espaços físicos, o relato de Eva não tem intenção política, nem histórica, embora as alcance. Ela relata seu trauma quase como um documentário, não em tom de denúncia, mas como alguém que está contando o fato, porque esteve lá no momento em que ele aconteceu. Apenas o seu relato, apenas a sua

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

memória podem não ser o suficiente para comprovar a veracidade dos fatos, mas a memória, chamada à coletividade, é capaz de não deixar que os crimes sejam apagados da memória da humanidade.

### Reconstrução

Inicia-se o caminho de volta. Num primeiro momento, reunião de cacos, tentativa de organização de ideias, buscas do passado, esperanças de encontro de parentes vivos. A linguagem usada nos capítulos de 16 a 28, é uma linguagem de reflexão. Entre a linguagem intimista representativa da infância e a fria, dura, descritiva da adolescência traumática, surge uma linguagem reflexiva de reconstrução em que fica expresso, no enunciado, um misto de trauma, de dor e de passado anterior em ação de reconstrução. O passado fica sempre como memória arquivada, como diz Ricoeur (2020) e, no caso de alguns sobreviventes, só muito mais tarde surge como memória registrada e aí torna-se testemunho.

É interessante notar como Schloss (2013) tem forte noção da ação representativa do signo e como sua influência pode interferir na reconstrução dos fatos. É uma noção empírica, nascida da vivência e do confronto, da marca na pele. Não é uma consciência de construção linguística, mas usa-a. Inicialmente observa sobre a importância da linguagem, desde o fato de receber e escrever cartas, como uma possibilidade de fala e de voz e, posteriormente, quando sua memória por fim se estabelece como algo vivo no presente, da sua preocupação e cuidado com sua forma de representação.

Há uma nítida mudança de linguagem no decorrer dos próximos capítulos, como se as mudanças da forma da linguagem fossem as representações das transformações temporais e psicológicas causadas pelo fluir da guerra e do pós-guerra. É uma fala nostálgica do passado, diferente daquela delicada e gentil das reminiscências infantis, da dura, fria e sóbria com a qual apresenta o Trauma. Nesses capítulos atuais, a linguagem transforma-se em reflexões sobre a vida futura, e sobre a necessidade e forma da representação para a manutenção do passado no presente.

A pergunta era: o que eu iria fazer com o meu futuro?

...Mas naqueles anos após a guerra, tudo parecia muito sombrio. Como muitas pessoas, eu havia passado por experiências que tornaram impossível voltar à vida que conhecia antes. Eu precisava sair para o mundo e construir um novo tipo de vida - mas eu não tinha ideia do que isso implicava. (Schloss, 2013, p. 192)

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

Schloss (2013) demonstra a consciência da dificuldade que a linguagem oferece. O sobrevivente, além de sentir dificuldade para passar ao ouvinte a representação do que experienciou, corria o risco do julgamento alheio e da descredibilidade do seu testemunho como acontecia nos julgamentos dos nazistas, em que eram agraciados com penas ínfimas ou liberados mesmo frente ao relato extremado dos sobreviventes: inverossímil? Ficcional? Schloss silencia-se durante anos.

Essas marcas pairavam sobre mim quando eu estava em público, reduzindo-me à sombra de mim mesma, e também me aprisionavam como uma armadilha nos pesadelos que eu tinha durante a noite. Essas sombras permaneciam até mesmo entre Mutti e eu - nós, que tínhamos passado por tudo isso juntas, e que **não conseguimos conversar a respeito do assunto**, tampouco consolar uma à outra (SCHLOSS, 2013, p. 246, grifo nosso)

Elas tinham consciência de que a memória verbalizada, traz o passado como vida para o presente. Verbalizar é manter, é reconstruir.

A tentativa dos nazistas de silenciar o sobrevivente, até certo ponto funcionou, mesmo após o campo. Ao descredibilizá-lo perante si mesmo, tirando-lhe a personalidade; ao deixá-lo a esmo, sem a compreensão do que estava acontecendo; ao dar-lhe uma pseudo consciência da morte, que na verdade era um “banho”, os nazistas, realmente, criaram ações que conseguiram silenciar, por anos, alguns sobreviventes, porque tiraram-lhes a noção da importância da representação sógnica. Conseguiram ir além: na tentativa de silenciar o sobrevivente, descredibilizaram-lhes a memória (até para eles mesmos) e colocaram em cheque seus testemunhos.

Schloss (2013), em uma exposição sobre Anne Frank, é impulsionada a quebrar seu silêncio e a falar, pela primeira vez, em público, sobre seu passado. Ao falar sobre as memórias traumáticas, o sobrevivente faz um enfrentamento com o passado, e ao transformá-lo em palavras, signos que representam sua memória, o passado não é mais passado, ele é presente vivo e a fala do sobrevivente lembra outras lembranças e cada vez mais profundas. E uma vez verbalizadas, audíveis, conscientemente signos, elas não se apagam mais. É muito interessante notar como as três formas de organização do discurso se acoplam, num mesmo espaço, neste momento.

Deixei o lugar sentindo que eu estava caminhando sobre um precipício entre a minha vida presente e a vida que tinha deixado para trás. De repente, minha mente encheu-se de lembranças de Pappy e Heinz em Amsterdã, da terrível viagem para Auschwitz e do adeus na rampa. Pude lembrar do quanto Birkenau era frio e sujo, da sensação de corte

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

nos dedos dos pés e das dores causada pela inanição. Senti novamente o choque e o terror ao me virar e ver Mutti sendo levada para o que eu acreditava ser a morte nas câmaras de gás. Eu não pensava sobre esses acontecimentos havia anos, simplesmente os afastei da minha vida, e esperava que fosse para sempre. Agora eu tinha permitido que a minha história viesse à tona e não conseguia apagar as lembranças mesmo que quisesse. (SCHLOSS, 2013, p. 254)

Neste terceiro momento, a reconstrução, o texto se apresenta em uma linguagem prosaica e sóbria. Schloss (2013) preocupa-se, desde o início, com a forma de se expressar, de traduzir o seu sentimento através de sua fala. Ainda com a tentativa de manter uma ordem dos fatos e uma linha de raciocínio lógica, ela pede para que seu esposo escreva o que ela deveria falar. No entanto, isso ainda não traria de fato a tradução que ela gostaria: do medo, da fome, do frio, dentre outros sentimentos que permeavam a sua memória: “transmitir a profundidade e a dimensão do que eu havia passado, especialmente porque eu mesma não tinha parado para refletir sobre isso. Tentei colocar mais sentimento nas palavras datilografadas” (SCHLOSS, 2013, p. 255).

Então ela começa a falar conforme as lembranças iam se apresentando, adaptando sua linguagem de acordo com o público ouvinte, para que pudesse causar mais identificação do público com o seu relato.

Descobri que, se eu quisesse continuar falando, teria de encontrar o que eu realmente queria dizer - e então comecei a utilizar menos as palavras de Zvi e mais o meu próprio vocabulário. (SCHLOSS, 2013, p. 256)

Fica clara a noção estabelecida pela linguística entre língua e fala. Com essa forma de relatar, com uma linguagem próxima do público, faz com que ele tenha uma ideia da experiência do campo de concentração, facilita a abertura para a empatia e a recepção por parte do público. A intenção de dividir o seu relato, não é a de levantar uma bandeira política, e tampouco colocar-se em posição de vítima. A intenção é a de fazer com que, a partir da palavra de sua memória, o ouvinte possa compreender a história de um povo massacrado por um sistema autoritário que, motivado pelo preconceito, tentou apagar da história toda uma população e apagar o fato aviltante daquele apagamento. O cuidado com as palavras, com a forma de organização de seu discurso, só tem uma intenção: evitar que histórias como a que aconteceu com ela e outras vítimas possam se repetir. “Contar a minha história foi uma maneira de espalhar uma mensagem sobre preconceito e tolerância...” (SCHLOSS, 2013, p. 262)

Outros sistemas semióticos, como o teatro, foram usados e os questionamentos sobre as questões signicas continuaram a ser feitas:

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

Nenhum dos personagens se parecia conosco na vida real, o elenco era aleatório, a atriz que interpretava Anne Frank tinha ascendência coreana, e Pappy foi interpretado por um ator afro-americano. Ninguém havia me falado sobre isso e no começo fiquei muito surpresa. Mas a peça funcionou maravilhosamente bem ao **ênfatizar a mensagem essencial da humanidade**, tanto que houve momentos em que me esqueci da origem étnica dos atores e fiquei completamente absorvida pelos personagens da história. (SCHLOSS, 2013, p. 265, grifo nosso).

Trata-se de uma representação. De fato, apesar de traduzir uma história real, a peça, enquanto estrutura discursiva, sistema semiótico, é ficcional. Não tem a intenção de recriar de forma completa aquela realidade dos campos. Para que a representação das atrocidades fosse recepcionada, foi necessário criar-se um equilíbrio entre o real e a interpretação e, mais uma vez, ao retirar o foco dos atores e deixá-lo sobre a narrativa, a palavra ganha força e recria a história pela memória.

É muito interessante observar a noção (às vezes inconsciente), que Eva tem do poder da representação signica. Ao produzir a obra *Depois de Auschwitz*, Eva preocupa-se com a linguagem e como a mensagem chegará ao leitor. Ela usou de uma linguagem simples, sóbria, de fácil entendimento para qualquer público que tenha interesse em ler e saber da história do Holocausto através dos olhos de um sobrevivente. E, apesar de nem sempre suas memórias apresentarem-se de forma cronológica, os espaços de literariedade transformarem a leitura em uma narrativa quase ficcional, ela não deixa escapar os detalhes de sua experiência pela força da palavra que ecoa do passado.

### Considerações finais

É interessante observar a força que tem a linguagem e como foi usada nesses relatos pois, sendo ela a ferramenta de comunicação do homem, é também uma ferramenta de construção da sociedade que, por meio de sua ação, cria seus valores. Assim, a linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas é a partir da linguagem que se pautará o consciente coletivo e ela será índice de posturas e caminhos assumidos pelo indivíduo na coletividade. É também por meio dela que se organiza a ideologia, discursos são criados e perpetuados na sociedade, seja para o bem ou para o mal.

A Literatura de Testemunho faz da voz do sobrevivente de catástrofes, uma forma de linguagem da memória, no sentido de perpetuar a história. Este relato não é uma denúncia, é uma memória individual, atravessada pela memória coletiva; é uma forma de linguagem que

## Nayara Caroline de Sousa e Custódia Annunziata Spencieri de Oliveira

permite a constatação da veracidade do fato histórico, resguardando a História de possíveis manipulações.

A obra *Depois de Auschwitz* é a materialização sgnica da memória de Eva Schloss, que por meio de uma linguagem cuidada e diferenciada em espaços temporais, revive a história do significado resultante da Segunda Guerra Mundial, as transformações culturais, psíquicas e sociais que ela provocou no mundo. Mostra como a disseminação de um discurso de ódio pode fazer com que o mal seja banalizado. Observa-se que a autora se preocupa com a linguagem e adapta-a para cada público em suas palestras, e cuida da escrita na construção de sua literatura para que exista uma identificação e aconteça a recepção positiva dos fatos narrados. Assim, suas representações sgnicas, em qualquer dos sistemas semióticos dos quais lançou mão, são ações de alerta sobre um discurso que precisa ser renegado.

A Literatura de Testemunho, assume-se como signo da voz do sobrevivente e é, também, a linguagem da memória que fará com que a sociedade não se esqueça como a construção de um discurso, atrelado a uma crise social e econômica é a receita para que eventos catastróficos como o Holocausto, sejam vistos e até aceitos com normalidade pela coletividade. Além de ser atalaia, a Literatura de Testemunho, uma corrente literária que ainda ensaia suas teorias, já cumpre um papel de suma importância, de preservação e elucidação da história. É uma corrente literária que precisa ser melhor estudada e valorizada, por ser capaz de apresentar valor literário, histórico e social.

### Referências

ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2013.

BARBOSA, Allaidy da Silva; OLIVEIRA, Custódia Annunziata Spencieri de. Miguel Jorge: a personagem em movimento semiótico. Revista Coralina, / 2020

CYTRYNOWICZ, Roney. O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto. In: SILVA, Marcio Seligmann. **História, memória, literatura**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003. p. 123-138.

EAGLETON, Terry. **Teoria de literatura**: uma introdução. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PRIMO, Levi. **É isto um Homem?**. Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

## Literatura de testemunho: memória do sobrevivente e manutenção da história – passado no presente

MARTINS, Anna Faedrich. Os perfis da literatura de introspecção: Virgílio Verreira e a autoria na autoficção. **Revista desassossego**, [s. l.], v. 9, p. 125-139, jun. 2013.

RICOEUR, P. **A memória, a história, o esquecimento**. São Paulo: Ed. da UNICAMP, 2020.

SCHLOSS, Eva. **Depois de Auschwitz**: o emocionante relato da irmã de Anne Frank que sobreviveu ao holocausto. São Paulo: Universo dos Livros Editora Ltda, 2013.

SILVA, Marcio Seligmann. O testemunho: entre a ficção e o real. In: SILVA, Marcio Seligmann. **História memória literatura**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003. p. 371-386.

SILVA, Marcio Seligmann. Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: SILVA, Marcio Seligmann. **História memória literatura**. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2003. p. 59-88.

WIESEL, Elie. **A Noite**: um dos mais importantes testemunhos sobre a vida nos campos de concentração. 1. ed. Rio de Janeiro: Universo dos Livros Editora Ltda, 2021.

YERUSHALMI, Y. H. **Réflexions sur l'oubli, Usages de l'oubli**. Paris: Éditions du Seuil, 1988. p. 7-21.

ZILBERBEG, Claude. Elementos de semiótica tensiva. São Paulo: Atelie Editorial, 2011.